

ITO OGAWA

A Papelaria Tsubaki

Tradução de
André Pinto Teixeira

Título: *A Papelaria Tsubaki*

Título original: ツバキ文具店 (*Tsubaki Bunguten*)

Autora: Ito Ogawa

Copyright © Ito Ogawa, 2016

Todos os direitos reservados

Caracteres em japonês: Keiko Kayatani

Mapa: Shunshun

Edição portuguesa publicada por acordo com Gentosha Inc., através de Bureau des Copyrights

Français, Tóquio

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2025

Tradução do japonês: André Pinto Teixeira

Revisão: Florbela Barreto / Grupo Editorial Presença

Ilustração da capa © Flora Waycott / Editions Picquier

Capa: adaptação do original por Vera Espinha / Grupo Editorial Presença

Paginação: Maria João Fonseca / Grupo Editorial Presença

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-972-23-7698-3

Depósito legal n.º 547 193/25

1.ª edição, Lisboa, julho, 2025

Presença é uma chancela do Grupo Editorial Presença

www.presenca.pt

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

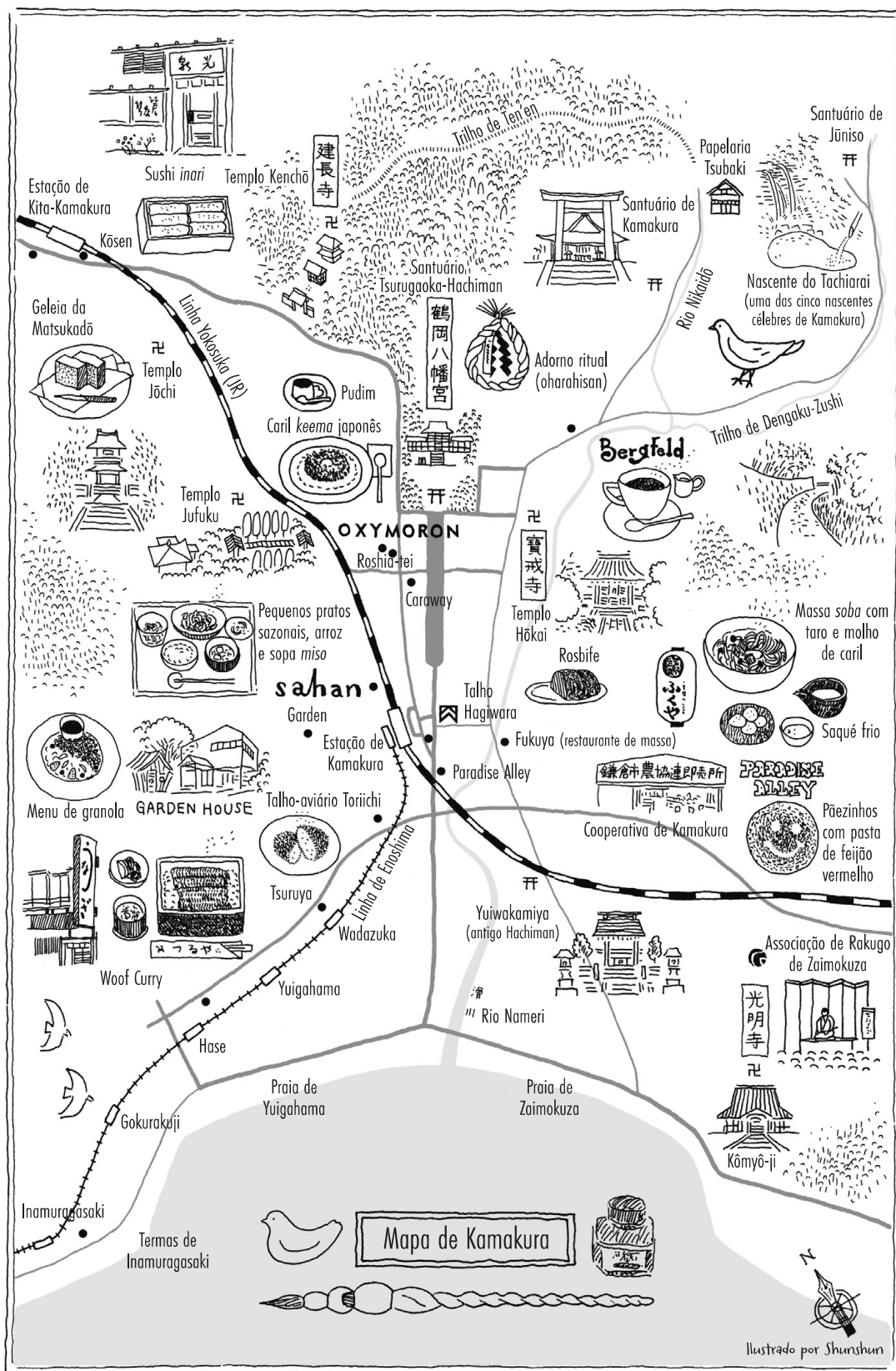
2730-132 Barcarena

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida sob qualquer forma ou meio, sem o consentimento prévio, por escrito, do proprietário.

Reservados todos os direitos para a língua portuguesa (exceto Brasil) à Presença, uma chancela do Grupo Editorial Presença.

ÍNDICE

Verão	11
Outono.....	67
Inverno.....	125
Primavera	187



VERÃO

夏

Vivo numa pequena casa no sopé de um monte ligeiramente elevado. Situa-se na cidade de Kamakura, província de Kanagawa. Embora se encontre na cidade, a moradia fica em plenas montanhas e bastante longe do mar.

Vivia com a minha antecessora, mas desde que ela morreu, há cerca de três anos, que vivo sozinha numa antiga casa de estilo japonês. A razão pela qual não me sinto tão sozinha é porque consigo sempre sentir a presença das pessoas à minha volta. À noite, esta zona é extremamente tranquila, qual cidade-fantasma. Contudo, de manhã, o ar move-se, as vozes das pessoas ecoam por toda a parte.

Após mudar de roupa e lavar a cara, a minha rotina matinal consiste em encher a chaleira com água para ferver. Entretanto, varro o chão com a vassoura e esfrego-o com água. Lavo a cozinha, a varanda, a sala de chá e a escada, sempre por esta ordem.

Quando chego a esse ponto das limpezas, a água já ferve. Por isso, faço uma pausa e deito bastante água quente no bule com as folhas de chá no seu interior. Enquanto o chá está a ser preparado, pego num pano e puxo o lustro novamente ao chão.

Durante o ciclo da máquina de lavar a roupa, sento-me finalmente numa cadeira da cozinha e bebo uma chávena de chá quente, da qual

emana um aroma fumado. Só recentemente comecei a apreciar o *bancha* de Quioto. Quando era criança, não entendia porque é que a minha antecessora se dava ao trabalho de preparar infusões com folhas murchas. Hoje em dia, mesmo em pleno verão, o meu corpo não desperta enquanto não beber um chá quentinho ao início da manhã.

Enquanto tomo uma chávena de *bancha* de Quioto, ainda atordada, uma pequena janela no patamar da escada da minha vizinha abre-se lentamente. É a dona Barbara, a senhora que vive na porta ao lado, à esquerda. Tem um ar quase cem por cento japonês, mas, por alguma razão, toda a gente a tratava assim. Talvez, há muito tempo, tenha vivido no estrangeiro.

— Bom dia, Poppo!

A sua voz era leve, como se surfasse ao sabor do vento.

— Bom dia.

Imitei a dona Barbara, assumindo um timbre mais agudo do que o habitual.

— Hoje está mais um dia bonito. Vem tomar um chazinho comigo mais tarde. Tenho uns pães de ló de Nagasáqui.

— Muito obrigada. Tenha um bom dia, dona Barbara.

Era rotina trocarmos cumprimentos de manhã através das janelas do rés do chão e do primeiro andar. Sempre que isso acontecia, lembrava-me de Romeu e Julieta e começava-me a rir.

Obviamente, no início, fiquei perplexa. Era estranho, mas conseguia ouvir a tosse da minha vizinha, o telefone a tocar e, por vezes, até os sons da casa de banho. Era como se estivéssemos a viver juntas debaixo do mesmo teto. Mesmo sem consciência disso, era natural ouvir os ruídos dos outros.

Só recentemente reuni coragem para a cumprimentar com calma. O meu dia começa a sério quando troco algumas palavras com a dona Barbara.

O meu nome é Hatoko Amemiya. A minha madrinha foi a minha antecessora. A origem do nome é, como seria de esperar pelo ideograma «hato» (鳩, pombo), o pombo do santuário Tsurugaoka-Hachiman. Acredita-se que o carácter chinês «oito» (八) tem a forma de dois

pombos que se abraçam. Por isso, desde que me lembro, toda a gente começou a chamar-me «Poppo», tal como as crianças japonesas chamam aos pombinhos.

Não aguento a humidade que faz aqui logo pela manhã. A humidade em Kamakura não é brincadeira.

Um pão francês acabado de cozer fica rapidamente mole e bolorento. Aqui, até as algas *kombu*, que devem ser duras, perdem a sua firmeza.

Quando acabo de pendurar a roupa para secar, vou deitar fora o lixo. A área reservada aos caixotes está situada ao pé da ponte sobre o rio Nikaidō, que atravessa o centro do bairro.

O lixo doméstico é recolhido duas vezes por semana. O papel e o tecido, as garrafas de plástico, as podas de plantas, as garrafas e as latas podem ser deitados fora uma vez por semana, não havendo recolhas aos sábados e domingos. Inicialmente, via a separação do lixo como uma grande maçada, mas agora até fico ansiosa por esse momento. Quando acabo de pôr o lixo fora, costumam passar crianças da escola do ensino básico em frente a minha casa, todas de mochila às costas. Há uma escola primária a poucos minutos a pé daqui, e muitos dos clientes da Papelaria Tsubaki são crianças que frequentam essa escola.

Olhei novamente para a minha própria casa.

Nas velhas portas duplas e cuja metade superior era de vidro, havia duas palavras: PAPELARIA e TSUBAKI, que significa «cameleira».

ツバキ
文具店

Literalmente, havia uma grande cameleira a crescer à entrada, como que protegendo toda a casa. A placa de madeira martelada na lateral da porta já estava enegrecida, mas, olhando com atenção, via-se a palavra «Amemiya» pairando no ar. Esses caracteres haviam sido escritos casualmente, mas os traços do pincel eram elegantes. Ambas as placas haviam sido escritas pelas minhas antecessoras.

A linhagem dos Amemiyas existia ininterruptamente desde o período Edo (1603–1867), sendo que a nossa família se dedica à caligrafia por mester.

Antigamente, éramos apelidados «copistas», e diz-se que ganhávamos a vida a escrever por conta das elites e dos grandes senhores feudais. O primeiro requisito era ser-se um bom calígrafo, ou seja, ter uma boa letra manuscrita. No xogunato Kamakura, a família tinha três excelentes copistas.

No período Edo, foram formadas escritãs no palácio interior, para servirem a mulher e as concubinas do xogum.

Desde esses tempos que a família Amemiya faz da escrita o seu negócio familiar, tendo as mulheres assumido o controlo durante gerações. A líder da décima geração foi a minha antecessora, e eu, a décima primeira, sucedi-lhe. Ou melhor, foi decidido que eu teria de o fazer.

Na verdade, a minha antecessora é efetivamente uma parente de sangue, mais precisamente a minha avó. No entanto, nunca lhe chamei «avó» de ânimo leve. Ela criou-me como mãe solteira enquanto geria o seu negócio de escritã.

Ao contrário do que acontecia antigamente, o principal trabalho de um escritão nos dias que correm é escrever nomes em sacos com presentes, inscrever textos em monumentos, redigir cartões com os nomes de bebés, letreros, lemas de empresas e inscrições em livros.

Se tal lhe fosse pedido, a minha antecessora também escrevia certificados para os vencedores dos campeonatos de cróquete das associações de idosos, para restaurantes japoneses, ou para os filhos de famílias vizinhas escreverem à mão os seus currículos para procurarem emprego. Em suma, era uma loja que fazia tudo o que tivesse que ver com letras. Contudo, à primeira vista, não passava de uma papelaria do bairro.

Por fim, mudei a água do «túmulo de escritos»¹.

Para quem não sabe o que é, poderá parecer um amontoado de pedras. Contudo, para a família Amemiya, é mais importante, inclusive,

¹ «Túmulos de escritos» (文塚) são estruturas erguidas para o enterramento de rascunhos de poesia e outros escritos, como memorial ou oferenda. (NT)

do que os altares budistas. Em termos simples, é um sepulcro para cartas. Atualmente, o «túmulo de escritos» está rodeado de íris em flor, o que me enche de orgulho.

Assim acabam os meus afazeres domésticos de manhã. Depois disto, tenho algum tempo livre até às nove e meia, quando abro a Papelaria Tsubaki. Hoje, depois do pequeno-almoço, vou a casa da dona Barbara tomar um chá com ela.

Evocando o passado, apercebi-me de que os últimos seis meses foram, para mim, uma correria. Apesar de a minha tia Sushiko ter tratado da maioria dos assuntos pendentes que resultaram da morte da minha antecessora, havia ainda uma série de questões problemáticas por resolver e que não estavam ao seu alcance. Além disso, havia um monte de tarefas que se tinha formado quando eu fugi para o estrangeiro. Despachei-as pouco a pouco, como quem esfrega a superfície funda de uma frigideira. Neste caso, cheirava estorricado por causa da herança e dos meus direitos.

Até para mim, que ainda estava na casa dos vinte anos, tudo isto me parecia inconsequente. No entanto, a minha antecessora fora adotada pela família Amemiya quando era pequenina, o que gerara muitas embrulhadas. Quase me apetecia pegar em tudo e mandá-lo para o lixo. No entanto, só de imaginar adultos a sorrirem de regozijo por essa decisão, senti-me estranhamente motivada a resolver todas as questões pendentes.

Além disso, se eu me desfizesse de tudo, esta loja à beira da falência seria demolida, dando lugar a um parque de estacionamento para o prédio do lado. Se isso acontecesse, a minha amada cameleira também seria arrancada.

A única coisa que eu queria salvar com as minhas próprias mãos eram essas flores que amava desde a infância.

Naquela tarde, acordei ao som da campainha. Devo ter adormecido sem dar por isso. O som da chuva a tocar no chão era uma ótima cantiga de embalar. Nos últimos dias, tem chovido sempre depois da hora de almoço.

Depois de abrir a Papelaria Tsubaki às nove e meia, costumo almoçar na cozinha, nas traseiras da loja, enquanto observo os clientes. De manhã, bebo chá quente e como uma peça de fruta. Por essa razão, alimento-me bem ao almoço.

Como hoje parecia haver pouca clientela, dei por mim deitada no sofá das traseiras da casa. Era suposto dormir só um bocadinho, mas devo ter-me dedicado a um sono mais profundo. Nos últimos tempos, ando estranhamente sonolenta, talvez porque me habituei a viver aqui ao fim de meio ano e já não ando tão nervosa.

— Com licença!

Ao ouvir a voz de uma mulher, corri aos trambolhões para a parte da casa que correspondia à papelaria.

Aquela voz soava-me vagamente familiar. Mal a vi, soube logo quem era. Era a mulher do peixeiro do bairro, os donos da Peixaria Uofuku².

— Viva, Poppo! — saudou a peixeira, olhando para mim com os olhos a brilhar. — Quando voltaste?

A sua voz era agradável, como sempre. Nas mãos da senhora, havia um grande número de postais.

— Em janeiro deste ano — respondi.

A peixeira levantou a bainha da saia comprida e cruzou uma perna atrás. Com um ar coquete e meio travesso, fez-me uma vénia. Pois é, recordei com carinho, a dona da Peixaria Uofuku sempre fora assim.

Sempre que eu ia comprar acompanhamentos para o jantar, a pedido da minha antecessora, era sempre a mulher do peixeiro que me punha na boca uma guloseima, como um rebuçado, chocolates ou bolachas açucaradas. Ela sabia que a minha antecessora me proibia de comer essas coisas, mas atrevia-se a dar-mas de boa vontade. Quando era criança, costumava imaginar, em sonhos leves, o quão feliz teria sido se ela fosse a minha verdadeira mãe.

Todavia, questiono-me porque é que não nos encontramos nestes seis meses, se éramos vizinhas. A mulher sorriu e explicou:

² *Uofuku* (魚福) significa «peixe próspero» ou semelhante. É um nome auspicioso para um negócio. (NT)

— A minha mãe ficou acamada e voltou para Kyūshū por uns tempos. Por isso, não nos chegámos a ver. Mas estou muito contente por ver que estás bem! O papá costumava perguntar sempre por ti, Poppo!

O «papá» de quem a peixeira falava era o seu marido. Partira há alguns anos devido a uma doença grave. Quando estava em *working holiday* no Canadá, a senhora Sushiko informou-me por *e-mail* da sua morte.

— Ainda bem que cá estás. Muita gente está à espera das minhas cartas de verão. Estava indecisa sobre o que fazer este ano, mas ouvi dizer que a Papelaria Tsubaki reabriu. Quase duvidei dos meus ouvidos, julguei que fossem rumores sem fundamento. Mas estou tão feliz por constatar que abriu mesmo! — exclamou, numa voz límpida.

Então, a peixeira entregou-me um maço de postais. Eram postais exclusivos de verão e incluíam um número para uma espécie de lotaria.

Ela não tinha má letra. Aliás, a sua caligrafia fazia lembrar belas penas flutuando no céu. Contudo, todos os anos, a peixeira pedia sempre à Papelaria Tsubaki que escrevesse por ela. Fazia-o apenas porque frequentava o negócio desde os tempos da minha antecessora.

— É o de sempre, se faz favor.

— Com certeza.

Negócio fechado.

A peixeira ficou a olhar por momentos até se ir embora. Tudo nela era nostálgico: o avental de flores desbotado, as meias brancas até aos joelhos, o alfinete grande para lhe prender as franjas. A peixeira revelou que iria deixar a Peixaria Uofuku para o filho e para nora, e que gostaria de tomar conta dos netos. A peixeira tinha três filhos, todos rapazes, por isso, quando era menina, é possível que tenha tomado conta de mim como se fosse a sua própria filha.

Virei o calendário e assinalei, com marcador cor-de-rosa, meados de julho e o início do outono. Até meados de julho era a época das chuvas e as suas devidas missivas; depois disso, vinham as saudações do que restava do verão. Este era o meu primeiro grande trabalho de escritã em muito tempo.

Lavei a cara para despertar e fiz imediatamente os respetivos preparativos.

Primeiro, utilizei o carimbo em forma de peixe que uso há anos para completar o desenho do verso. Era uma tarefa simples, por isso, podia fazê-lo enquanto tomava conta da papelaria. Há muitos anos, ou mesmo décadas, que nos ocupávamos dos postais de verão da Peixaria Uofuku. O seu conteúdo era simples, mas o número de cartões não podia ser subestimado. Todos os utensílios que haviam sido utilizados ano após ano estavam arrumados em caixas pela minha antecessora. Conhecendo-a há tanto tempo, conseguia completar uma saudação típica da Peixaria Uofuku sem ter de confirmar qual o seu conteúdo.

No entanto, o problema eram as tabelas. Cada uma era diferente, pelo que o fluxo de trabalho não era simples.

Estava com tanta fome que a mão que segurava o pincel começou a perder forças. Após fechar a loja, a primeira coisa a fazer seria o jantar.

Na maioria das noites, janto fora. Embora esteja a alimentar a minha curva de Engel, não me apetecia cozinhar uma refeição só para mim. Felizmente, há muitos restaurantes em Kamakura, que é destino turístico, e escolhas é o que não me falta.

Depois de, este ano, ter saboreado a minha primeira massa chinesa fria, desviei-me um pouco e fui até ao santuário de Kamakura. Embora esteja habituada a andar sozinha à noite, para uma mulher, as ruas de Kamakura são bastante escuras. Especialmente nas áreas montanhosas, onde há pouca iluminação pública e está escuro como breu, apesar de ainda nem passar das oito da noite.

Para afastar os meus medos, batia propositadamente com os saltos dos tamancos no solo enquanto caminhava. A chuva parou ao entardecer, mas as nuvens ameaçavam abrir-se de novo a qualquer momento.

O santuário Tsurugaoka-Hachiman é dedicado a Minamoto no Yoritomo, que fundou o xogunato Kamakura. Já o santuário de Kamakura é dedicado ao lado que pôs fim ao xogunato Kamakura. Por trás do santuário persiste a prisão de terra em que o príncipe Gorara, a divindade do santuário, foi aprisionado. Até é possível, pagando, entrar na prisão para a visitar. Apesar de me sentir um pouco culpada por visitar os dois santuários, o Tsurugaoka-Hachiman e o de Kamakura, não conseguia privilegiar um em detrimento do outro, pelo que acabo

sempre por dar a mão a torcer aos dois. Subindo a escadaria, fui saudada por uma enorme máscara de leão iluminada.

Depois de regressar a casa e tomar um duche para me purificar, peguei na caixa de escrita, que normalmente se encontrava num canto do armário, e abri-lhe lentamente a tampa. Era de madeira de árvore-da-imperatriz e fora um presente da minha antecessora. Continha um conjunto de ferramentas relacionadas com o ofício de escritã, incluindo uma caneta de pincel e uma de tinta permanente. A tampa da caixa estava decorada com uma pomba embutida com espirais. Os olhos da pomba, incrustados de joias, tinham sido retirados e as penas da cauda tinham sido presas aleatoriamente com fita-cola. Para mim, esta era uma prova do meu passado execrável. Nunca esquecerei que a primeira palavra que aprendi foi *iroha*, a ordem tradicional dos silabários japoneses. Tinha um ano e meio quando memorizei um «i», depois «ro», «ha», «ni», «ho», «he» e «to», até traçar o último «n» sem falhas. Com três anos já sabia escrever o silabário *hiragana* e, com quatro anos, conseguia escrever os mesmos sons no segundo silabário, *katakana*. Tudo graças ao treino diligente a que a minha antecessora me sujeitou. A primeira vez em que peguei num pincel foi no dia 6 de junho quando tinha seis anos, que se diz ser a idade em que as aprendizagens correm melhor. Era um pincel feito com o meu próprio cabelo de quando ainda era bebé. Lembro-me perfeitamente desse dia.

Quando regressei a casa depois do almoço, a minha antecessora estava à minha espera com um par de meias novas. Eram umas meias altas, sem marca, e com um único símbolo de um coelho junto à barriga da perna. Quando as calcei, ela disse calmamente, e com uma expressão severa no rosto:

— Senta-te aqui, Hatoko.

Sob a sua supervisão, estendi a base da mesa baixa, pousei uma folha de papel em cima dela e preendi-a com um pisa-papéis. Executei esta série de tarefas com as minhas próprias mãos, imitando a minha antecessora. A pedra de tinta, o tinteiro, o pincel e o papel estavam todos alinhados numa fila ordenada à minha frente. Estes elementos eram conhecidos como os «Quatro Tesouros da Escrita».

Enquanto ouvia a explicação da minha antecessora, esforcei-me por reprimir a impaciência. Naquele momento, estava tão entusiasmada que nem sequer senti as pernas dormentes.

Por fim, chegou a hora de polir a tinta. Deitei uma gota de água na pedra de tinta. O meu almejado polimento de tinta. No meu âmago, fiquei maravilhada pelo seu toque frio. Sempre quisera experimentá-lo.

Até então, a minha antecessora nunca me deixara tocar em nenhuma das suas ferramentas. Quando me apanhava a fazer cócegas nos sovacos com um pincel, tratando-o como se fosse um brinquedo, fechava-me logo na arrecadação da casa. Por vezes, até ficava sem tomar certas refeições. Contudo, quanto mais me dizia para não me aproximar, mais eu queria estar perto, mais eu queria tocar nos pincéis.

Dos quatro tesouros, fora a tinta a roubar-me o coração. Perguntei-me a que saberia aquela massa negra se a levasse à boca. Devia saber ainda melhor do que chocolate ou rebuçados, pensava, convicta. Adorava o aroma ténue, indescritível e secreto que emanava da tinta quando a minha antecessora a polia.

Foi assim que, no dia 6 de junho, com seis anos, fiz a minha esperada estreia na caligrafia. No entanto, embora tivesse nas mãos a tinta que tanto desejava, não conseguia poli-la bem e, por isso, a minha antecessora fez cair sobre mim os implacáveis relâmpagos da crítica. Já tinha seis anos, mas não conseguia desempenhar a simples tarefa de polir na parte dura da pedra, a «terra firma», e acumulá-la na reentrância, o «mar». Quando segurava na tinta diagonalmente para a polir depressa, a minha antecessora aplaudia imediatamente. Nem sequer tinha tempo para levar a tinta à boca e saboreá-la.

Nesse dia, obrigou-me a desenhar exclusivamente círculos em meia folha de papel. Pratiquei espirais durante muito tempo, como se estivesse a escrever várias vezes o som «no» (ŉ). Com a minha antecessora a apoiar-me a mão direita, conseguia escrever com facilidade. Sozinha, porém, as linhas vagueavam por todo o lado, perdidas. Por vezes, a sua espessura fazia lembrar uma minhoca, uma cobra ou até mesmo um crocodilo esfomeado. Eram tudo menos estáveis.

Não deixes que o cabo se deite, põe-no direito.

Levanta os cotovelos.

Não olhes para o lado.

Mantém o corpo virado para a frente.

Presta atenção à respiração.

Quanto mais tentava fazer tudo ao mesmo tempo, mais o meu corpo se inclinava de modo precário, a minha respiração tornava-se irregular e o meu comportamento parecia suspeito. Na meia folha de papel à minha frente, estendia-se um círculo infinitamente instável. A repetição da mesma tarefa foi-se tornando cada vez mais aborrecida. Há que lembrar que eu andava apenas no primeiro ano. Por isso, o dia 6 de junho não foi um dia glorioso para dar início à minha aprendizagem. Mesmo assim, e com muito desespero, pratiquei repetidamente, tentando corresponder às expectativas da minha antecessora.

Quando me tornei capaz de desenhar uma espiral da esquerda para a direita de uma só vez e com um tamanho uniforme, comecei a praticar o inverso: círculos da direita para a esquerda.

Nos dias de semana, depois do jantar, tinha de praticar caligrafia. A minha antecessora sempre me guiou. O treino consistia em uma hora até ao segundo ano, uma hora e meia até ao quarto ano, e duas horas até ao sexto ano.

No início, não conseguia perceber onde escrever, por exemplo, uma espiral da direita para a esquerda. Todavia, aos poucos, tornei-me capaz de a traçar suavemente com o mesmo tamanho e espessura e com proporcionalidade.

O silabário *hiragana* é uma série de curvas. A minha antecessora acreditava que o seu treino era a base para se ter uma caligrafia bonita.

Os meus esforços deram frutos, tornando-me capaz de escrever belas espirais de forma suave e ininterrupta, mesmo de olhos fechados.

Quando terminei a prática dos círculos, treinei até conseguir escrever *hiragana* pela ordem tradicional «i-ro-ha-ni-ho-he-to» na perfeição, um som de cada vez. Aprendi o silabário à medida que desenvolvia a minha própria imagem dele.

O «i» (ゐ い) parecia-me dois grandes amigos sentados num campo, de frente um para o outro e a conversarem alegremente.